Criação de camarão

Depois da crise

HÁ DEZ anos, a criação brasileira de camarões (carcinocultura) bateu recorde no Brasil, e as perspectivas eram extremamente promissoras. O potencial de produtividade da região Nordeste chamava a atenção de empresários nacionais e estrangeiros. Segundo a Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC), a produção brasileira alcançava o crescimento expressivo de 140% entre 2000 e 2002. Os resultados eram pródigos em termos da área cultivada, produção e exportação.

Justamente neste período, a produção mundial do camarão em cativeiro vivia situação crítica com o alastramento da chamada "mancha branca". Os países asiáticos (Tailândia, China, Índia, Vietnã e Indonésia), controladores de 50% das exportações globais, vinham de uma abrupta queda na produção e ainda estavam em processo de recuperação. Por sua vez, em 1999, os países latino-americanos da costa do Pacífico sentiram o impacto negativo da doença. A enfermidade chegou à Nicarágua, mas, logo em seguida, atingiu o Panamá, o Peru e o Equador. Ficou um vazio no suprimento do mercado internacional, e a carcinocultura brasileira ocupou rapidamente este espaço.

Com a apreciação do real frente ao dólar a partir de 2003, o cenário da carcinocultura brasileira, cuja produção era voltada basicamente para a exportação, teve uma virada brusca. Paralelamente, nos Estados Unidos, metade do mercado de destino dos embarques nacionais ganhou o processo *antidumping*, impetrado pelo seu Departamento de Comércio, a pedido dos produtores locais, na Organização Mundial do Comércio (OMC), contra diversos países, inclusive o Brasil. Com o direito compensatório de aplicar tarifas à importação pelos americanos, a produção brasileira perdeu competitividade e teve de buscar outros mercados.

Mesmo assim, as perspectivas corriam positivas com a ocorrência de novos fatos. O tsunami de 2005 destruiu grande parte da estrutura camaroneira da Tailândia, importante exportador para o mercado norte-americano. A decisão dos Estados Unidos foi reduzir a sobretaxa para o produto brasileiro, do teto de 36,8% para 7,05%. Houve a criação de uma linha de financiamento especial pelo Banco do Nordeste, para a formação de um estoque regulador e uma melhor capacidade de negociação para os criadores.

No final de 2004, a "mancha branca" foi constatada no Brasil, em fazendas localizadas no município de Laguna, na região sul do estado de Santa Catarina. O golpe veio pesado, e os efeitos desastrosos apareceram no ano seguinte, com queda quase total na produção. Esse foi o primeiro registro da enfermidade no Oceano Atlântico. Em 2005, o DNA do vírus da doença foi encontrado no Vale do Jaguaribe, estado do Ceará, na região Nordeste. Era o sinal preocupante de dificuldades irremediáveis com o mercado de exportação a médio prazo.

Desde então, os problemas acumularam-se na produção e na comercialização do camarão de cativeiro. Além do surgimento de doenças, sobressai a baixa capacidade de organização entre as empresas envolvidas na atividade, devido às diferenças de capacidade de produção, estágio tecnológico, dispersão física e capitalização financeira. A ociosidade nas unidades frigoríficas aumentou sobremaneira, enquanto a continuidade do câmbio valorizado deixava o mercado de exportação sem qualquer possibilidade concreta de acesso. Do lado do Governo, a demora na emissão das licenças ambientais com o maior o rigor da legislação atrasava e encarecia os empreendimentos.

Encontrar o futuro

Entre 2000 e 2009, de acordo com a FAO, a produção mundial de camarão passou, em milhões de toneladas, de 4,0 para 6,6. Neste período, a participação da produção em cativeiro passou de 27% para 51%, enquanto a China aumentou de 6%

A doença da mancha branca

Enfermidades virais têm provocado sérios impactos econômicos nos cultivos de camarões nos principais países produtores. O grande destaque é a doença da "mancha branca". Sem representar nenhum perigo para o ser humano, mesmo com a ingestão de animais doentes, a síndrome da mancha branca não é uma zoonose. A doença recebe este nome por deixar a carapaça do crustáceo com manchas arredondadas e esbranquiçadas. Entretanto, basicamente pela sensação visual, a sua presença é bem restritiva do ponto de vista comercial.

Estudos apontam que alterações na qualidade física e química da água dos viveiros de cultivo podem ocasionar estresse e alteração no estado imunológico dos camarões, tornando-os suscetíveis ao ataque de patógenos. Mas, a quantidade de pesquisa realizada não é suficiente para avaliar uma associação entre os parâmetros físicos, químicos e biológicos e a manifestação da mancha branca em fazendas de camarão.

Atualmente, não existe tratamento para esta virose, que compromete especialmente o sistema imunológico do animal, acarretando a sua morte. Algumas fazendas de camarão podem conviver com a doença sem, contudo, apresentar grandes problemas de produção, porque os animais se mantêm assintomáticos ou apresentam sinais clínicos de baixo impacto na produtividade. Como medidas de controle da doença, o Ministério da Pesca e Aquicultura definiu medidas de biossegurança como o tratamento dos resíduos do beneficiamento dos camarões das fazendas acometidas, além de fortalecer as ações junto aos órgãos executores de defesa sanitária animal nos estados.

para 20% a sua representação. A tendência é de decréscimo relativo na captura do camarão silvestre, em razão da superexploração dos bancos pesqueiros e de medidas de proteção às tartarugas marinhas.

Os exportadores brasileiros tinham como ordem de prioridade, em primeiro lugar, atender o mercado europeu, que, paulatinamente, cedeu espaço em função da elevada exigência de qualidade e do aumento na taxa de devolução do produto. Em compensação, cresceram, como segunda opção, os embarques para os Estados Unidos, mas barrados abruptamente diante do contencioso na OMC.

Assim, a dificuldade de abrir novos mercados com a valorização cambial real forçou a comercialização para o mercado interno. As indústrias de pescado abastecem a maior parcela do "mercado institucional", representado por bares, restaurantes, supermercados e hotéis. Os atravessadores compram a produção dos pequenos e médios empreendimentos para vender nos grandes centros urbanos do Nordeste, com o transporte e o acondicionamento, geralmente, inadequados. Os intermediários mais estruturados revendem para o Sudeste, principalmente para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Entre as principais lições extraídas pela carcinocultura com essa longa crise de grandes dimensões, estão as mudanças ocorridas no sistema produtivo, com a redução na densidade de animais nos viveiros e uma menor incidência de doenças. Os empreendimentos devem ter como metas a redução de custos e a segurança sanitária do sistema produtivo. O suporte técnico permanente torna-se fundamental, em particular na pequena produção.

Nesse novo ciclo de negócios para carcinocultura nacional, o monitoramento da variabilidade genética é vital para a melhoria dos plantéis comerciais. Da mesma forma, a avaliação técnica e econômica cabe no processo de produção com camarões nativos e nos sistemas de circulação fechada de efluentes. Tudo isso acompanhado de estudos ambientais (edáficos, de fauna e de flora) e das áreas de cultivo.

Os grandes países asiáticos produtores superaram as dificuldades dos anos 90 com a obtenção de níveis de produtividade e rentabilidade bastante elevados. Isso contribuiu para que aumentassem as suas competitividades no mercado internacional. O avanço das tecnologias de cultivo abrange o melhoramento genético, desenho e engenharia de projetos, tecnologia de nutrição, biossegurança, insumos e equipamentos, processamento do produto e, mais recentemente, biotecnologia.

Para a ABCC, o setor dispõe, atualmente, da mais moderna tecnologia para exploração e cultivo do camarão, de modo a garantir melhor qualidade ao produto. O processo é conduzido para produzir um alimento saudável, com respeito ao meio ambiente, em condições de competitividade de preço, de modo a ampliar ainda mais sua participação no mercado interno. De acordo com a entidade, há 1,3 mil produtores de camarão em tanques, no País, 95% dos quais no Nordeste, com a ocupação de quase 20 mil hectares. O consumo *per capita* do brasileiro é de apenas 500 gramas por ano, enquanto, no México, é de 1,5 quilo; nos EUA, de 7 quilos; e, na Europa, de 9 quilos. Há muito espaço para a expansão. ■

Brasil: Exportação de camarão cultivado

Ano	Quantidade (milhões de t)	Receita (US$ milhões)
1999	4,9	40,7
2000	13,3	105,6
2001	23,5	129,7
2002	40,1	175,5
2003	58,4	225,9
2004	52,2	195,6
2005	41,9	166,0
2006	30,1	118,8
2007	15,5	58,9
2008	9,4	40,5
2009	5,7	21,6
2010	1,6	6,8
2011	0,1	0,9
2012	0,0	0,0

Fonte: ABCC

Brasil: Produção de camarão cultivado

Ano	Produção de camarão (milhões de t)
1998	7,0
1999	15,0
2000	25,0
2001	40,0
2002	60,0
2003	90,2
2004	75,9
2005	65,0
2006	65,0
2007	65,0
2008	70,0
2009	65,0
2010	70,0
2011	69,6
2012	75,0

Fonte: ABCC